

por Tata Amaral<sup>1</sup>

Nesta minha fala, escolho discorrer sobre a presença da mulher no setor audiovisual, mais precisamente no cinema brasileiro. Penso que todas estas trajetórias são exemplares no sentido da conquista de espaço para expressão da mulher, seus temas, suas questões e, por que não?, suas formas.

#### As pioneiras

As mulheres sempre estiveram presentes na vida profissional do Brasil, assumindo as mais diversas funções numa sociedade jovem, caótica, sem organização. Esta espécie de caos foi bastante aproveitada pelas mulheres, que souberam perceber as lacunas e necessidades. Assim, ocupam os lugares vagos, sejam eles quais forem. A primeira mulher brasileira a realizar um filme foi uma desbravadora. A atriz Cleo de Verbena realiza, em 1930, *O Mistério do Dominó*, filme onde atua, dirige e financia. No ano seguinte ela confia o roteiro de seu segundo filme, *Canção do Destino*, a um outro cineasta que o deixa inacabado. A portuguesa radicada no Brasil, Carmem Santos, segue seu exemplo. Atriz exigente que havia trabalhado com o lendário Mario Peixoto de Limite (1929), ou *Sangue Mineiro* (1930) de Humberto Mauro, filmes os quais ela ajuda a produzir. Em seguida ela funda a Brasil Vita, produtora de filmes no Rio de Janeiro, através da qual ela produz, além de dirigir e interpretar, *Inconfidência Mineira*, em torno do personagem de Tiradentes, um herói nacional em luta contra o poder colonial. O filme lançado em 1948 é mal recebido e, lamentavelmente, sobrevive hoje através da montagem de extratos no filme *Carmem Santos de Jurandyr Passos Noronha*.

Estas mulheres atrizes são exemplos de ousadia e determinação que, usando seu capital financeiro e de prestígio, acabam por produzir seus próprios filmes, criando condições para realização de filmes segundo suas convicções.

Em 1959, a italiana Carla Civelli, montadora da Vera Cruz, companhia paulista fundada, ao mesmo tempo que o prestigioso TBC, o Teatro Brasileiro de Comédia, dirige *Um Caso de Polícia*. Carla escreve e produz peças para rádio e teatro.

Outra roteirista, além de produtora, a funcionária da Cinédia (empresa carioca fundada por Adhemar Gonzaga nos moldes hollywoodianos) Gilda de Abreu também passou à direção. Seu empregador lhe encomenda a direção de um melodrama cantante, *O Ébrio*, filme lançado em 1946 com enorme sucesso de bilheteria, graças ao cantor popular

Vicente Celestino, marido de Gilda. Ela realiza outros dois longas-metragens, nos anos seguintes da década de 40 e 50.

#### Os Anos 60 e os personagens femininos

Um único filme de mulher nos anos 60 no Brasil: Zélia Costa realiza *As Testemunhas não Condenam* em 1962, filme do qual não resta o menor traço. É a década dos cinemas nacionais e no Brasil, do Cinema Novo. Segundo a realizadora Tizuka Yamazaki, assistente de direção de vários filmes deste movimento, "o Cinema Novo era machista". Não há qualquer exemplo de mulheres realizadoras no Cinema Novo. Estavam relegadas à funções de assistentes, figurinistas, continuístas. No entanto, personagens e atrizes femininas são iluminados: inesquecível a atuação de Norma Bengell em *Os Cafagestes*, de Ruy Guerra. A atriz Leila Diniz estampa a nova mulher nas telas com *Todas as Mulheres do Mundo*, de Domingos de Oliveira. Odete Lara - que contracena com Norma Bengell - também recebe um papel memorável em *Noite Vazia*, de Walter Hugo Khouri.

Yoná Magalhães em *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, Diná Sfatt, protagonista de inúmeros outros filmes, Fernanda Montenegro em *A Falecida*, Helena Ignez (*O Padre e a Moça*, 1966 e *A Mulher de Todos*, 1969), Eva Wilma (*São Paulo S/A*, 1966), Glauce Rocha (*Navalha na Carne*, 1969), Glória Menezes (*O Pagador de Promessas*), Itala Nandi, Anecy Rocha, Darlène Glória, são outros exemplos de atrizes cujos personagens acabam por apresentar uma nova mulher às telas brasileiras. São mulheres atuantes, muitas vezes também militantes de esquerda, que escolhem seus papéis ou quase os criam.

#### Os Anos 70, as realizadoras iluminam o longa-metragem

Na década de 70 as mulheres continuam a representar papéis libertários, a expressar suas contradições nas telas do cinema brasileiro, enquanto atrizes. Porém, algumas dão um passo além: passam a dirigir filmes com temáticas próprias. Tereza Trautman, em 1974 realiza *Os Homens que eu tive*. Ana Carolina realiza diversos curtas-metragens de repercussão na cena cultural do país. Vanja Orico (*O Segredo da Rosa de 1973*), Lenita Perroy (*Encarnação*, 1974), Rose Lacrete (*Encarnação*, 1974), Vera de Figueiredo (*Feminino Plural*, 1975), Luna Alkalay (*Cristais de Sangue*, 1976), Rosângela Maldonado (*A deusa de mármore*, 1978) são exemplos de mulheres que tomam as câmeras e canetas para escrever sua própria história, em curta ou longa-metragem. Mas é em 1979 que um filme de mulher estoura nas

bilheterias: Mar de Rosas de Ana Carolina fica em cartaz nas cidades durante meses.

Os Anos 80, as mulheres documentaristas emergem e os seus filmes de ficção se impõem

A década inaugura com outro sucesso, tão grande quanto Mar de Rosas: Gaijin, Caminhos da Liberdade, de Tizuka Yamasaki . Cinco anos mais tarde, o cinema brasileiro volta a ganhar notoriedade no exterior, desprestigiado que estava desde o Cinema Novo, com o Urso de Prata, de Berlim, para A Hora da Estrela de Suzana Amaral.

A Associação Brasileira de Documentaristas, entidade que, apesar do nome, organiza não apenas os realizadores e realizadoras de documentários mas os de curta-metragens também, é um ponto de resistência contra a ditadura militar, empenhando-se em tratar de temas que vão na contra-mão da informação (ou falta dela) imposta pelo governo. A ABD estimula a produção de imagens independentes em todo país. Isto faz com que emerja uma série de filmes de mulheres constituindo o que eu chamo de período das "documentaristas". São mulheres que saem pelas ruas e estradas inventariando temas, questões e formas, propondo um cinema que lhes interessa. Olga Futema, Inês Castilho, Tânia Savietto, Marlene França (também atriz, sobretudo de filmes do paulista Roberto Santos), Hilda Machado, Sandra Werneck, Helena Solberg, Tetê Morais, Lúcia Murat são alguns dos seus nomes.

#### Os Anos 90, o cinema da retomada

No final dos anos 80 e começo de 90 o cinema brasileiro sofre um duro golpe com o governo Collor que sequestra o dinheiro da população bem como seus organismos estatais de financiamento da produção cultural com o argumento do neoliberalismo. A única produção cinematográfica que sobrevive, além da produção em vídeo e da televisão, é a de curtas-metragens, que independem do governo federal pois sempre foram incentivadas pelos governos regionais e municipais. Isto faz com que uma nova geração de cineastas esteja pronta para realizar seus primeiros longas na segunda metade dos anos 90, quando então voltam a acontecer políticas para o cinema. Esta é a geração da qual faço parte. Este momento do cinema brasileiro é inaugurado com um filme de uma mulher, a atriz e diretora Carla Camuratti que realiza, com seus próprios recursos ou com recursos angariados graças a seu prestígio e confiabilidade, Carlota Joaquina. Este filme obtém uma bilheteria incrível para aquele momento do cinema brasileiro, 1 milhão e 200 mil espectadores e concretiza a conciliação do nosso cinema com seu público. Seguindo seus passos, logo em seguida, Daniela Thomas, Eliane Caffé, Lucia Murat, Sandra Werneck, Laís Bodanski,

Rosane Swartman, Anna Muylaert, Mara Mourão, eu mesma e várias outras mulheres realizadoras vêm se empenhando em inventariar seus temas, inventar suas formas, escrever suas histórias, contribuindo não apenas para reforçar a imagem da mulher como uma agente realizadora mas também para construir a história do cinema brasileiro, de vocação plural e diversa. Atualmente, a produção de curta-metragem, que sempre sinaliza o futuro de uma cinematografia, conta com quase 40% de filmes de mulheres realizadoras.

Abril de 2003

---

<sup>i</sup> *Diretora do Longametrage (Brasil)*